



O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICÍDIO) ¹

Na versão de **AQUILINO RIBEIRO** ²



¹ Título, sub-títulos e imagens da responsabilidade da R&L.

² In: Aquilino Ribeiro, "Um Escritor Confessa-se". Lisboa, Bertrand, 1974.

Nessa obra, Aquilino Ribeiro, recorda os tempos do seu forte envolvimento na causa revolucionária republicana do início do século e um conjunto de acontecimentos de que esteve então muito próximo.

Por ocasião do atentado de 1 de Fevereiro de 1908, devido ao seu envolvimento directo num acidente com bombas (explosão da Rua do Carrião), Aquilino Ribeiro, recentemente evadido da prisão, andava fugido à justiça e estava escondido num quarto da Baixa de Lisboa. [nota R&L]

O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de AQUILINO RIBEIRO

O CONTEXTO POLÍTICO E O PLANO DE UM ATENTADO

(...)

(...) o decreto que [João Franco] elaborou depois da malograda tentativa de insurreição de 28 de janeiro³, decreto de que houve logo rumor no dia 29, e publicaram as gazetas, referendado pelo rei, (...) no dia 31, ampliava ao máximo o pretorianismo das atribuições. Nos termos desse ucasse, redigido por uma pena cafreal, *o governo ficará habilitado com a faculdade de expulsar do Reino ou fazer transportar* (este transportar é bem o vocábulo de significação impressionista que quadrava aos homens tratados como coisas pelo senhor do Alcaide) *para uma província ultramarina aqueles que, uma vez reconhecidos culpados pela autoridade judicial competente, importe à segurança do Estado e tranquilidade pública e interesses gerais da Nação afastar, sem mais delongas* – este mais delongas é politicamente inefável; o mais aqui subentende algumas; quais? – *do meio em que se mostrarem e tornarem perigosos e contumazmente incompatíveis. Não podem, por igual, gozar imunidades parlamentares aqueles que contra a segurança, do próprio Estado se manifestam ou que como inimigos da Sociedade se apresentem.*

Faltava arvorar a forca no alto do Castelo e pelos oiteiros de Portugal – comentavam os republicanos – para ressurgir a era dos capitães-mores e da justiça de pendão e caldeira.

João Franco



Naquela manhã morna, com os pardais nos beirais da Boa Hora a espreitar o sol e em baixo, na calçada, a alcofa dos carroceiros, ouvi que batia à porta mão que me não era estranha pelo *tonus* das pancadas. Estendi o braço mesmo da cama, o pincho interior solevantou-se, e pela porta entreaberta passou o vulto, meio

³ Em 1908 vivia-se em Portugal um clima de enorme tensão política, sendo iminente o desencadear de um confronto aberto entre aqueles que pugnavam pela mudança de regime, pela revolução republicana e aqueles que pretendiam a manutenção do regime monárquico constitucional.

Nesse início do século XX, o país estava a ser governado por um poder político totalmente desacreditado – o escândalo da liquidação dos «vales da coroa» foi o acontecimento mais visível da situação de descalabro a que então se chegou – e, desde Maio de 1907, estava ainda sujeito a um apertado regime de ditadura, com a constituição e o parlamento suspensos, muitos jornais encerrados e censurados os poucos que se podiam publicar (Lei de Imprensa de 11 de Abril de 1907), direitos individuais fortemente condicionados, etc.

No Porto, a 31 de Janeiro de 1891, tinha havido uma primeira tentativa gorada de afirmação revolucionária republicana. A 28 de Janeiro de 1908, em Lisboa, teve lugar uma nova movimentação com vista à tomada do poder pelos republicanos. Em resultado do modo atabalhado como decorreu, as principais figuras do movimento republicano tinham sido presas e, por decreto acabado de assinar pelo Rei (a 31 de Janeiro de 1908), estava-se na iminência de elas serem banidas do reino, degredadas para África ou Timor. [nota R&L]



O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de AQUILINO RIBEIRO

desengonçado, o anélito de opressão que lhe era comum, indicativo de máquina afadigada, de Alfredo Luís da Costa. Após a troca de cumprimentos, disse-me de salto:

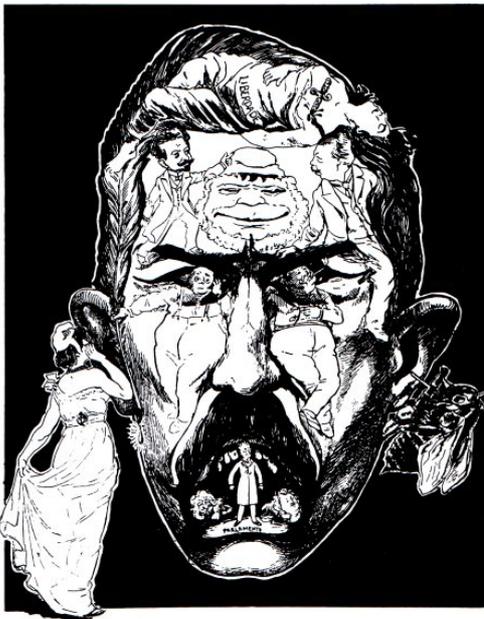
– Até que enfim. Tenho o grupo que há-de ir esperar João Franco...

– Para quê ? Como prelúdio da revolução ?...

– Estive ontem à tarde com Marinha de Campos que me disse : – *A tropa nega-se a sair enquanto João Franco andar à solta.* – É fantástico, mas é assim mesmo. Os comandantes tomaram-se de pavor diante do novo Minotauro. Na nossa terra, basta esbracejar, dar murros na mesa, bramir, romper contra a corrente do bom senso, armar em teso para ganhar fama de valentia ou de superioridade, e fama que não é fácil de extirpar com duas razões no bestunto do nosso próximo. Aqui tem de que cocas se gera o ascendente de João Franco.

– E tem a certeza de que o movimento militar se desencadeia a seguir ?

– Certeza baseada na promessa solene que me foi feita. Marinha de Campos assegurou-me: *Neutralizem de qualquer modo João Franco e a revolução está na rua.* E lembro-me bem que acrescentou : *Eu, por mim só, não tomava este compromisso e muito menos a responsabilidade do que lhe digo. É o comité militar todo. Eu sou o porta-voz. Por unanimidade decidiu-se que não havia outra solução senão eliminá-lo, por uma forma ou por outra. Um sequestro? Um sequestro era ouro sobre azul, mas é o mesmo que os ratos conjurarem-se para deitar o guizo ao pescoço do gato. Portanto, tratem de livrar-nos do tirano como melhor entenderem. Façam obra limpa e poupem o pêlo que, em matéria de remorsos, podemos todos muito bem com ele. Estou persuadido que pondo num prato da balança a vida do ditador, do outro as vidas que por sua ordem já foram ceifadas e se vão ceifar, as lágrimas das mães e das esposas, o inferno de torturas que nos espera a todos, não falando no dique que pretende opor à vaga de libertação do povo português, não há equiparação possível.*



– E você que pensa ?

– Penso assim.

– Não lhe observou: porque não efectuem agaloados a empreitada ?

– Alguém há-de coordenar a manobra, e, por outra, alguém há-de dar o corpo ao manifesto. Para o caso, organizei eu um grupo que está pronto à primeira voz. Vamos esperar João Franco, depois do almoço, à Rua Alexandre Herculano, para onde mudou.

– Que gente leva consigo?

– Levo o Buíça... – isto dizendo torceu-se todo e olhou para mim como a consultar-me. – Levo o Buíça, mas com certa relutância. Você sabe, o Buíça tem dois filhos menores. Morreu-lhes a mãe... Que seria dos pobrezinhos se o pai perdia a vida na aventura, primeiro desamparados, depois que ominoso não os esperava pela vida fora, filhos de

homicida !? Pois a nossa gente não está imbuída dos pés à cabeça de pecado original ?

– Acho que raciocina muito bem. Decidiu não o levar ?

O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de AQUILINO RIBEIRO

- Não decidi. O Buíça é um homem valente, que não volta a cara, e eu não tenho grande confiança nos outros... pelo menos em dois.
- Quem são eles ? Conheço-os ?
- Não conhece. Eu até ontem também os não conhecia. São dois antigos guardas-fiscais, do posto dos Olivais, que João Franco demitiu. Vão por vingança, deixá-lo ! A questão é que dêem ao gatilho na devida altura.
- Nada mais precário !
- Vi-os ontem pela primeira vez, como lhe digo. Deixaram-me a impressão de homens resolutos.
- E quem é o quinto?
- O quinto é aquele rapaz da Costa do Castelo, Domingos... parece que se chama Domingos, Domingos Ribeiro... Lembra-se dele ?
- Um rapaz bem-parecido, magro, sobre o loiro, de estatura antes mais baixo que alto, que está num armazém de vinhos... um pouco acima da Sé...?
- Esse mesmo.
- Eu conversei apenas umas duas vezes com ele...
- (...)
- Que me diz ao decreto que Teixeira de Abreu levou a Vila Viçosa a assinar e ontem publicado nos jornais ? Eu já sabia há dois dias, pelos nossos informadores, que roda de navilhas se estava a armar contra os republicanos.
- (...)
- Não há dúvida. João Franco, se o deixam, povoa Timor com republicanos. Consta que já tem fretados dois grandes paquetes para o transporte.
- Alguém há-de escapar à redada...
- As malhas, segundo se diz, são tão apertadas que vai muito peixe miúdo. Figura nas listas tudo o que é manifestamente republicano ou suspeito disso. Os maiores são postos na fronteira : amigos, se quiserem voltar à parvónia, regenerem-se. Hão-de enrouquecer primeiro a dar vivas à Cristina, isto é, ao marquês da Bacalhoa !
- Deixe lá, organiza-se Timor em república. República Portuguesa de Timor. Um dia, quando D. Carlos e os seus parasitas tenham acabado de escangalhar a metrópole, vimos por aí fora todos e escorraçamos os vendilhões...
- Era uma bonita coisa, era, sim senhor. (...)
- (...)
- Sério, sério: leu bem o decreto ? O João Franco faz de conta que vai dar uma batida aos lobos na serra da Gardunha. Agora, ainda mais responsável que ele é o rei.
- Mais responsável...?
- Salta à vista. Este decreto, que é senão um pacto de criminosos depois da liquidação miserável dos adiantamentos ? Desde esse dia, o rei é o capitão da quadrilha, que promoveu Franco a seu lugar-tenente. O que D. Carlos merecia sei eu...

**O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de
AQUILINO RIBEIRO**

– Tudo o que se fizesse neste momento contra D. Carlos era contraproducente. Lembre-se que nos países atrasados a tradição tem muita força. Não esqueça também que este povo está há sete séculos ajoelhado diante do rei como de Deus. Tínhamos todo o mar de sentimentos, os naturais, os obtusos, os artificiosos, os herdados de nossa avó torta encapelados contra nós, a favor do trono. A nau republicana, de mau madeiramento, mal calafetada, inexperta nas águas revoltas, ia-se ao fundo irremediavelmente. Ia-se ao fundo debaixo do peso das responsabilidades com que não sabia, nem teria a coragem, nem a possibilidade de arcar.

Ficou calado, a ruminar no que eu lhe dizia. E, porque não achasse logo resposta no seu espírito, voltou:

– Depois se verá. Preciso ainda de ir arranjar uma arma. Estamos mal armados. O Buíça, esse, já lá tem a excelente carabina que estava no Heitor. Os homens dos Olivais estão armados com *abbadies*, de marca espanhola. A cada passo encravam-se. É o rapaz do Castelo que não tem...

– Mas é coisa decidida.

– Ora essa, duvida da minha palavra!? O Buíça até já esteve esta manhã a tomar as suas disposições por escrito... uma espécie de testamento. Eu não tenho ninguém. Por outra, tenho uma irmã menor. Meu tio, que é rico, não faz grande favor em olhar por ela.

– E se o Franco lhes falhar na Rua Alexandre Herculano.

– Vamos dar-lhe caça até o descobrir. Nem no meio do inferno nos escapa. Ele há-de ir hoje ao Terreiro do Paço esperar a Família Real. Fuzila-se mesmo lá!

– Não pense nisso! É correr grandes riscos...

– É e não é. Assim que a fera esteja em terra, temos a revolução na rua. A questão é aguentar...

– Veja lá, olhe que isto não é a ária do *Trovador*: *Madre infelice, corro a salvarti*... Supondo que tudo se passa como calcula, estes compassos de espera não obedecem ao relógio.

(...)

– Falta-nos também – prosseguiu – um varino para o Buíça esconder a carabina. O Ferreira Manso disse-me logo: *pegue-o lá*, mas o Ferreira Manso é um friorento. Vou pedi-lo ao Lima, que pode muito bem passar sem ele. O Lima é bom rapaz, não me diz que não.

Alfredo Costa estava perfeitamente à vontade, sereno, como se combinasse um passeio a Vila Franca para ver a tourada. Eu, no fundo, guardava um pouco de cepticismo sobre aquele empreendimento, que me parecia destinado a gorar como dezenas de tantos outros, inclusive o meu projecto de fuga do Caminho Novo com um automóvel que me pusesse em lugar seguro, a gorar mediante um argalho ou uma trave. E vi-o partir na convicção de que tudo em Portugal fica em vê-lo-emos, e a política activa não é mais que um imenso vazabarris das boas e más intenções, dessas de que está o inferno cheio e doutras que morrem *in ovo*, por falta de bom senso, de nervo, resolução final, reduzidas muitas delas a cisco por um cabelo, coisa de nada, imponderáveis esmagadores como rochedos da Gralheira. E não pensei mais nisso.

O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de
AQUILINO RIBEIRO

O ALVOROÇO

As horas, por todo aquele dia de meio sol, no meu cesto de gávea⁴ decorriam vagarosas que nem as do alquimista a olhar para as retortas e a cismar, depois de mais um malogro em busca da pedra filosofal. O cativo em Babilónia, no Caminho Novo ou naquela mansarda era sempre cativo⁵. Quando é que voltaria a ser livre como os pássaros? Alagado em tédio, pensava que uma das condições mais dignas do homem é a do cavador, em comunhão constante com os elementos naturais. Não que no meu espírito ancorasse preocupação séria quanto à aventura anunciada de Alfredo Luís da Costa. Em verdade, no meu subconsciente gorgulhava uma ideia de cepticismo por tudo o que se parecesse com golpes de força á antiga, lances de sangue e brutalidade de que supunha de todo incapazes os meus contemporâneos. Eu, como eles, como as gerações antes de mim e havia de suceder com as gerações depois de mim, pertencia a uma camada sedimentar de dessorados de que havia pouco a esperar sob o ponto de vista de dinâmica de eco universal ou inteligência de igual calibre.

Por isso, sofri um baque de vago e aziago pressentimento quando entrou pela janela entreaberta da mansarda uma lufada de sons que me pareceu singular. Abri a vidraça e até onde se podia estender o meu raio visual, quebrado pelo ressaltado do telhado, vi gente, gente que corria de baixo, singularmente ou por cachos. Vinha do Largo do Pelourinho, da Rua do Comércio, como tocada por um látigo invisível, e, com maneiras descompostas, deitava a correr pela Calçada de São Francisco e a Rua Nova do Almada, como para pontos de refúgio. Depois, as golfadas de gente foram-se multiplicando, e era a população transida, tomada de pânico, a furtar-se, dir-se-ia, a uma hecatombe. Ao mesmo tempo, chegou-me aos ouvidos uma zoada, cortada de gritos e estridências que me não soube explicar. E disse para comigo: então sempre era a sério?

Mas se tiroteio tivesse havido, o seu eco teria chegado até mim, e eu não o ouvi. De forma que, não obstante nos dois extremos das ruas continuar um movimento de ressaca, atribuí-o a qualquer ofensiva da força pública, que provocasse aquele corrilório centrífugo da população como vi que acontecera no Rossio e no Largo de Camões.

Mas casualmente olhei para as janelas da Boa Hora, onde havia um posto de guarda, e notei que os soldados experimentavam as espingardas abrindo e fechando repetidas vezes a culatra móvel e metendo balas na recâmara. E fiquei de todo desassossegado.

Nos extremos da rua continuava a perpassar gente açodada agora como se às pessoas as propelisse uma deslocação de ar ou qualquer moto inaudito.

Subitamente abriu-se a porta de arranco e entrou no meu quarto Tavares de Melo, ao tempo redactor da Vanguarda, que era visita da casa:

– Mataram o rei e não se sabe quem mais da família real...

– Mataram o rei!? Que grande desacerto! – exclamei, não de pasmo nem de afogo, emoções próprias do súbdito comum de três dinastias, mas o republicano, que via ir por água abaixo as suas esperanças e o fruto da messe que alourava.

– Foi no cais, à chegada de Vila Viçosa. Houve fuzilaria brava.

⁴ O quarto de água-furtada da Baixa onde Aquilino Ribeiro estava escondido. [nota R&L]

⁵ Referência à sua recente situação de evadido da prisão e de escondido da polícia. [nota R&I]



**O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de
AQUILINO RIBEIRO**

– Mataram também o João Franco ?

– Ouvi dizer que quem morreu também foram os assaltantes. Um deles deve ser por lá o doido do Alfredo Costa. Ainda ontem eu lhe estive a dizer : não se meta em cavalarias altas que o corpo é que lho paga !... Viram-nos mortos, literalmente trucidados...

Ficou-me a olhar, fiquei a olhar para ele siderado de todo e rematou :

– Vinha para prevenir o Meira que figura nas listas do ostracismo. Adeus, vou averiguar o que há !



Quando os passos de Tavares de Melo se perderam ao fundo da escada, atirei-me de bruços em cima da cama. Tinha na frente um cincho de ferro que não me deixava raciocinar e me obsidiava diante do facto assombroso e surpreendente, posto que no ar de Alfredo Costa eu houvesse vislumbrado ao vento do meu cepticismo a fímbria de uma intenção reservada. Sim, dava conta agora que, por detrás do objectivo confesso, outro fosforejava, queria lançar âncora e arraigar-se.

Ninguém veio durante muito tempo aliviar-me da minha mortal ansiedade e pesadume. Finalmente chegou Meira e Sousa que me pôs ao corrente do ocorrido, que lá fora era já do domínio de toda a gente. Repentinamente as torres, quantas torres havia à minha volta, a da Conceição Nova, a dois passos, com voz gritada de mulher, a da Vitória, criança a chorar, a de S. Julião, frenética, mais longe a de S. Nicolau, voz bem timbrada de pregador, e dos altos, os sinos do Sacramento e dos Mártires, ralhadores e cavos, lançavam aos quatro ventos, em suas breves notas picadas a defuntos, a nova formidável: morreu o rei !

O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de AQUILINO RIBEIRO

– Escusava de vir-mo dizer ! – disse para Meira e Sousa. – Bem ouço...

A abóbada sonora erguia no céu uma teia inconsútil, dolente e azabumbante, a proclamar uma realidade fora das regras obituárias. Tendo começado com o anoitecer, prosseguiu pela noite dentro o coro de carpideiras celestes, cujo acento fúnebre penetrava até as pedras. E na Minha célula de fugitivo, trespassado pelas lanças aceradas de bronze, dei conta que as Euménides começavam a entoar o *De profundis* macabro, sobre mim, sobre toda a Lisboa, acordes que não modulou Wagner, e não sei se os Diabos de mais alada fantasia teriam descoberto para suplício de revoltados e insubmissos.

RECONSTITUIÇÃO DOS FACTOS

Pelo que me contou dias depois Humberto de Avelar, pelo que eu sabia, pelo que apurei do relato dissonante das gazetas e o que eu rectifiquei *in loco* com um dos conjurados e um falso regicida, que para o caso também conta como havendo elaborado do sucesso a síntese mais verosímil que convinha ao seu papel, os factos deviam ter-se passado deste modo : Debalde o grupo fora esperar João Franco à Rua Alexandre Herculano. O ditador, sabendo-se em perigo e acossado de um lugar para o outro, entrou mais uma vez a negacear com os perseguidores. Não lhe era difícil, dispondo dos órgãos de informação e torcendo-lhes as voltas. Os seus vários domicílios permitiam-lhe este jogo do Escondidinho.

Depois deste primeiro desencontro, havendo abancado momentaneamente no *Gelo*⁶, onde viram que o Buíça se refrescara com um *bock*, acariciando muito a barba com reflexos de cobre, o que era sinal de tempestade interior, e, mais ainda, encravando repetidamente a mandíbula de baixo sob o lábio superior, gesto tão seu, e Alfredo Costa engolira um almoço apressado, sempre febril, passaram ao Rossio, a grande sala revolucionária, e aí deliberaram em comum ir esperar Franco ao Terreiro do Paço, à hora do regresso da Família Real. Para Costa, já fazia parte do programa, dada a hipótese de o golpe falhar na rua para onde Franco anunciara ter mudado da Rua da emenda. Isoladamente, os homens dos Olivais atrás, e par a par, se dirigiram com boa meia hora de antecedência para o Terreiro do Paço. Escalonando-se pela praça, Alfredo Costa tomou a posição do fundo, próximo do embarcador, os três ficaram a deambular ao meio, da estátua de D. José para o centro da ala ocidental contra as arcadas, como ociosos, e Buíça postou-se na fímbria norte, não bem sobre o lancil, mas perto ou encostado ao candeeiro, na linha do prolongamento da Rua do Ouro, na atitude de indivíduo que espera outro, conforme entrevista marcada.

Constava do seu plano aguardarem ali João Franco, como caminho necessário para os cais. Cada um deles era sete olhos para quem entrava na praça, particularmente pela faixa ocidental, e ainda para a rua que a contorna do lado do Tejo. E o tempo foi voando e João Franco sem aparecer. Refere Rocha Martins que ele deslizara sorrateiramente por baixo das arcadas, sem que os conjurados o vissem, o que é de todo inaceitável, dado que era precisamente sobre esse trajecto que eles mais assestavam os olhos. Não, sorrateiramente tinha ele entrado pelo portão do Arsenal e daí transitado ao embarcador, palmilhando de relâmpago o curto espaço a descoberto que dá acesso pelo sul ao Pavilhão da Marinha. O facto é que se lhe esgueirara mais uma vez, como homem experimentado em batidas nos matagais do Alcaide.

⁶ Café no Largo do Rossio e na Rua 1º de Dezembro, em Lisboa, que, ao tempo, constituía um dos principais pontos de encontro dos revolucionários republicanos e, designadamente, dos carbonários. [nota R&L]

**O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de
AQUILINO RIBEIRO**

Entretanto, Costa e Buíça fartavam-se de bocejar. Só quem conheceu o génio de um e de outro pode imaginar qual seria o seu enervamento. Passaram por diante deles o *landau* com os dignitários, ministros, gente a pé, o major Dias, agentes da Secreta a avaliar pelos meneios artificiosos com que armavam em pessoas despreconcebidas, cortesãos ou funcionários públicos destacados à chegada da Família Real. E, por fim, uma sereia estrugiu, anunciou a chegada do rei com fragor lançando à serenidade da tarde, cerca da ponte de desembarque, a ronca marinha, amassada, dir-se-ia, de água salgada, aventura oceânica, gaivotas, ondas, e as tágides que escaparam às dragas do senhor Hersent. Alfredo Costa acercou-se mais da embocadura, que ali fazia a muralha do cais e o Pavilhão. Domingos Ribeiro pairava a distância, pronto a transmitir qualquer palavra aos outros conjurados.

Apareceu, depois de grandes delongas, que mais agravaram a hiperestesia dos conjurados, em *daumont*, a Família Real, os reis lado a lado, os príncipes em frente. Seguiu-se o carro com os camaristas, em vez do de D. Afonso, que se atrasara. E, no seu ritmo, os dos áulicos, e toda a cauda cometária de palacianos. E João Franco ? João Franco sumira-se novamente como um trasgo.

Desesperado com o malogro, mas ainda retido por um resto de expectativa, a que é vulgar atribuir-se a escrúpulo de consciência, Alfredo Costa chegou de dois passos ao pé de Domingos Ribeiro :

– Corra lá acima dizer ao Buíça que o filho dum cão tornou a escapar-nos...

Isto dizendo, voltou ao seu posto de atalaia, perto da muralha, a espiar a lufada de pessoas que irrompia da estação flutuante. Mas, ou porque o esporeasse a impaciência ou no seu espírito se desse por inútil continuar de atalaia, largou a grandes passadas pelo terreiro da praça acima, coisa de dois a três metros à banda do lancil. Ultrapassou primeiro o *landau* real, aberto, que avançava a pequeno chouto, depois o rapaz que levava o recado. E dum pulo estava ao pé do Buíça, engoiado no gabão, no jeito inteiriço de homem muito crispado por uma ideia fixa, e repetiu a mensagem :

– O filho dum cão escapou-se !

Decorreu um brevíssimo silêncio, o tempo de a descarga eléctrica da frustração percorrer os nervos de Buíça. Entretanto, aproximaram-se os outros três conspiradores, persuadidos que não havia mais nada a fazer do que porem-se a «cavar». Mas Alfredo Costa, fixando o olhar em Buíça, tornou:

– E agora ?... Se liquidássemos a cambada ?

O carro aproximava-se lento como a gozar a doçura da tarde, os cavalos percutindo a calçada a chouto vagaroso. Buíça, desencostando-se do candeeiro, respondeu :

– Vamos a eles !

Fez um gesto a indicar a posição que ia tomar. Costa soprou para os três :

– Defendam-nos a retaguarda !

Já Buíça, de um salto, se plantava, em diagonal para a carruagem, a um terço da largura da rua, hirto como um atirador; sacudia para trás as abas do capote e, metendo a carabina à cara, visava. Alfredo Costa, por sua vez, caía sobre a carruagem que passava na sua frente. Foi mais rápido do que se conta. Crepitou o tiroteio das armas de fogo e no primeiro minuto os assaltantes ficaram donos do terreno. Mas o oficial que galopava à estribeira, tenente Francisco Figueira, recobrando-se, precipitou-se à espadeirada sobre Buíça. A polícia, perante a sua acometida, ressarciu-se também e rompeu a disparar a torto e a direito sobre os vultos que se lhe afigurou fazerem parte da conjura. Dois agentes, quando Alfredo Costa

**O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICÍDIO) na versão de
AQUILINO RIBEIRO**

cambaleava, lançaram-lhe a mão, e ao passo que o arrastavam para a esquadra, iam disparando os revólveres sobre ele, refeitos em seu domínio. Buíça continuava a estrebuchar com a carabina, acutilado pelo oficial às ordens, e tentando desenhencilhar-se dum soldado que se lhe viera meter nas pernas.

D. Carlos tinha caído cerce como um roble, debaixo por certo das balas de Buíça, e igualmente o Príncipe alvejado à queima-roupa por Costa. Então a carruagem real largou à desfilada, seguida pelas outras, tomadas de terror. Mas a refrega decrescia. O terreno quedava às forças da ordem. Um guarda civil de revólver em punho gritava como num fim de montaria :

– Já matei um !

De facto tinham fuzilado às cegas, contando-se entre os mortos um caixeiro de 17 anos, que passava, e ferido vários transeuntes. Muitos dos mirones que se encontravam na praça, curiosos acidentais, foram arrebanhados para a esquadra, que fica entre as traseiras da Câmara e o Ministério do Reino, e passaram as piores horas da vida. Viram os polícias espezinhar os dois regicidas e de novo esfoguetear-nos à bala ; depois, voltaram-se para eles. O chefe do Posto interpôs-se. Parou ali a ameaça sobre as pessoas filadas ao acaso da mão.

(...)

DOIS PROTAGONISTAS

Condenável por si, pelas leis da vida e as lições da história, condenável ainda pela sequência política, até agora nefasta, do regicídio, não quis tecer um libelo com receio duns, e muito menos uma apologia para agrado doutros. Conteí o que sabia e apurei com lisura e respeito absoluto da verdade. O regicídio foi a enfloração lógica de ideias, ódios e revoltas, semeados a trouxe-mouxe por monárquicos e republicanos num solo bárbaro, propicio à violência... Que tinha a esperar uma realeza mucilaginoso, atrofienta, caída no hebetismo, sem outras vistas sobre o horizonte do que conservar a pia farta ?O regicídio, em tanto que obra singular, terá de integrar-se no plano de demolição, intentado contra o Portugal obsoleto pelos espíritos livres e esclarecidos, desde a época liberal até os nossos dias. Os protagonistas foram o braço armado dessa propaganda. Apoucá-los ou engrandecê-los seria cometimento gratuito, que não cabe em cérebro com dois dedos de caco. Mas porque o regicídio em sua nebulosidade, em sua paradoxal concepção e feito, quedaria inexplicável sem o conhecimento psicológico das *dramatis personae*, eu experimento pintá-las sob todas as reservas do meu fraco entender.

Pessoas que menos se parecessem : Manuel Buíça e Alfredo Costa. Aquele era do Norte ; este do Sul. Um godo ; o outro árabe.

ALFREDO COSTA

Foi no corrente de 1906 que Raul Pires apresentou no Gelo um rapaz de vinte e oito anos, alto, desengonçado de corpo, duma fisionomia séria, quase triste, a que ninguém ligou importância. Grandes olhos castanhos, lentos a mover-se, com uma fixidez que parecia de sonâmbulo e era de atenção, um nada de barba loura no queixo, o nariz levemente amolgado sobre a esquerda. É provável que uma tuberculose descurada, traiçoeiramente seguindo

O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICÍDIO) na versão de AQUILINO RIBEIRO

caminho, lhe achatasse o tórax, aguçasse os ombros e lhe imprimisse às costas uma quebratura já perceptível.

Com ele, ao contrário de Buíça, não há que ter o historiador grandes canseiras psicológicas para fixá-lo. A sua figura moral inscreve-se num quadriculado de traços largos, quase rectilíneos. Era um homem de uma só peça, crente até o iluminismo interior, instruído o que basta para reconhecer que a vida se decompõe numa tábua mais ou menos certa de problemas, de resultado dependente da vontade.

Donde saiu Alfredo Costa ?

Há homens que, mediante uma luta surda e porfiosa com o meio que os acalca na sua condição de desvalidos e iletrados, sem mão alheia a guiá-los, sem luz externa que os alumie, bruscamente se «põem em marcha». Qual é a força propulsora, a energética do milagre ? Um relâmpago que fulgurou, a mola da vocação que salta, um argalho, no caminho, que se levantou com o vento.

Alfredo Costa



Alfredo Costa foi o homem, atirado para a cidade da aldeia alentejana, e que, dobrando-se sobre si, batido dos baldões, «se encontrou a marchar». Atrás, todo o atavismo da alma popular, opressões, tristeza, fatalismo, mansuetude de cordeiro. Pela frente, o torvelinho do século, luz e sombras, ideias confusas, ideias desordenadas, ideias ; a vida com as facetas todas ; o homem em todos os planos.

Educou-se como pôde, que mais não foi que abrir os olhos ao que via e tratar de compreender. Tudo o que era imediato apreendeu-o ; tudo o que era bradado alto, ouviu-o. Nada mais receptivo que a simplicidade do camponês ; nada, ao mesmo tempo, mais susceptível á síntese. Para a improvisação intelectual de Costa, a revolução pregada em 1906-907 devia ser, com suas promessas de resgate, a ideia adequada. E daí até a paixão, o estado de consciência que implica uma aptitude desenganada para todos os extremos, a distância não era pequena.

Por uma vereda longa, mas directa, decalcada segundo tais tópicos, chegou Alfredo Costa ao regicídio. Olhe-se para ele, lá longe, ao despedir da planura alentejana, tão cheia de ascetismo que parece destinada a implantarem-se ali calvários ululantes de supliciados. Que trouxe com ele, envolto no roto sudário mouro, mal passado nas águas cristãs, que não fosse rebeldia latente, noção da própria mesquinhez, fome de humanidade ? O transporte da vida para um plano sobrenatural deixa o Alentejano indiferente.

Siga-se, antes de firmar o pé no chão movediço da cidade, na ofuscação e desvanecimento da sua condição de rústico, em contraste tratado como cachorro malhadiço por patrões e ricos. Observe-se ao impregnar-se do evangelho revolucionário, aquecido em sua pobre alma ao calor da propaganda, sentindo o orgulho de tornar-se militante, futuro paladino talvez. Estude-se na vontade férrea – porventura o que havia de mais vincado nele – uma vez determinada, concentrando-se ao serviço da causa, e compreender-se-á que, quando todos fogem, quando tudo falha, estava na lógica da sua pessoa moral cometer o acto terrível, para ele de dignificação e de sacrifício.

O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de AQUILINO RIBEIRO

Tinha na sua sina de ser assim. O seu republicanismo acabara por tornar-se exclusivamente um clima de consciência, soberano e despótico. Não lhe faltava nada para carrasco ou herói : coragem, decisão, porque não duvidava, e o fanatismo que existe sempre que acima do espírito, povoado por vaga floração, paire um só pensamento.

Alfredo Costa era, além disso, um puritano estrito a conduzir-se e a avaliar as criaturas e os seus actos. A ameaça era uma das atitudes que mais lhe eram peculiares. Uma perplexidade, uma quebra de palavra, uma ruptura do dogmatismo a que submetia tudo, sofriam a condenação da sua boca e o correctivo, às vezes, dos seus punhos. *Se os senhores representantes da Nação mais uma vez nos votarem ao olvido, resta-nos a certeza de que os marmeleiros ainda crescem nos paus* – escrevia ele em 1903. *Tentar esmagá-lo (o opressor) num justificado impulso de revolta é um dever de todos nós* – dizia ainda em 1906. Na loja maçónica a que pertencia tornou-se proverbial esta sua espada em riste, não apenas de Dâmocles. Noutro número do jornal escrevia: *Sou pelas greves, como sou por todos os meios de resistência empregados pelo fraco, pelo oprimido, em defesa dos seus mais legítimos interesses quando extorquidos pelo forte, arvorado em opressor. [...] Sempre que um Patife tenta ferir a nossa dignidade ou um ladrão nos quer tirar a bolsa, é dever sagrado atirarmo-nos a ele sem olharmos às forças de que dispomos e às consequências da luta. [...] Para os patrões burgueses que nos exploram, e nós servimos sabujamente, vai o meu mais activo ódio e a minha viva repulsa.*

Rígido com os outros, era-o ainda mais consigo. Assim, como salariado, passou dias inteiros sem comer, escondido, com vergonha de que o vissem soltar uma queixa, incapaz de estender a mão a quem quer que fosse. Rebelde por índole, professando o conceito que era ominoso para a sua qualidade de homem aceitar tutelas ou favores, mormente quando tinham a recomendá-los as leis do parentesco, quebrara as relações com o tio, abastado lojista estabelecido em Lisboa, que, parece, o estimava e era benévolo a acolhê-lo. Como empregado, tido em apreço, repugnava-lhe sentir sobre o ombro a mão do patrão. Nisto ainda, palpita-se a submissão excessiva da vontade a uma regra de independência. Numa das suas crises de revolta e, conseqüentemente, de miséria, atirou-se certo dia, na Rua Augusta, para debaixo do carro eléctrico que passava. O guarda-freio travou a tempo, e saltando abaixo, ao passo que o desancava, apostrofava-o :

– Seu malandro, quer-me desgraçar !? – Tem razão, homem. Perdoe !

Alfredo Costa, que era pundonoroso, contava isto, depois, simplesmente, sem ressaibos de amor-próprio, reconhecendo-se merecedor do castigo.

Tudo o que cintilasse ao seu espírito como uma obra de justiça, a praticar ou praticada com ele, rendia-o de pés e mãos ; para com os outros, apaixonava-o e a causa alheia fazia-a sua. Era um romântico, formado para a vida civil nos *Mistérios do Povo*, para a política, a ouvir a cantata de Convenção por toda a plêiade de idealistas impenitentes. Não era um extremista; o seu sentido de ordem social tolerava as espigas altas da seara humana.

Era um homem dinâmico, mas com a actividade pressurosa e febril dos impacientes. Acima de tudo um probo e digno lidador.

Em Angra do Heroísmo fundou um jornal para defesa dos empregados do comércio, e tão bem conduziu a campanha das suas reivindicações que ao cabo de tempos vigorava ali o repouso hebdomadário. Em 1903, em Estremoz, fez intensa propaganda republicana e daí começou a colaborar nos jornais de classe da capital, sempre homem de fé e dedicação sem limites. Foi caixeiro-viajante, e presidiu à Associação dos empregados do Comércio de Lisboa. Depois, mediante um pequeno capital, emprestado por mão amiga, fundou uma

O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de AQUILINO RIBEIRO

pequena empresa de livraria, A Social Editora, onde foram editados alguns folhetos contra o regime.

Encetou ainda a publicação em fascículos, distribuídos aos domicílios, do romance de índole popular : *A Filha do Jardineiro*. Na empresa embrionária e mal sucedida consumiu Costa o seu pecúlio, que não era muito. Ainda nesta tentativa transparece o abnegado. Procurava-se dar uma machadada na carcomida árvore real de sete séculos e Costa trazia o que tinha: a sua inteligência modesta, o seu dinheiro – a sua vida por fim. A República, ou melhor o mundo dos Idealistas, em boa verdade, não pode enjeitar este nome embora morresse em fereza. Depende das vicissitudes duma obra o galardão que a posteridade reserva aos precursores. Assassinos ou Guilhermes Tell, os destinos da República lavrarão a Costa e a Buíça o epitáfio definitivo. O qualificativo, porém, depende do bom ou mau êxito global das Instituições que ajudaram a fundar. Porque é desnecessário demonstrá-lo, um sol novo, banhado na púrpura que mais aprazia aos antigos deuses, teve naquela tarde trágica de Fevereiro o seu oriente, pese bem embora aos senhores pausados, vazios ou bons burgueses, que disso e doutros desatinos sobem a sacudir as mãos na varanda de Pilatos.

Planeada a revolução pelo risco e indústria de António José de Almeida⁷ que, para o civil, tinha como lugar-tenente a Luz de Almeida⁸, Costa arranchava no grupo que devia assaltar o Palácio Real, depois, por uma modificação da estratégia, o Quartel dos Lóios. Na noite de 28 de Janeiro, data fixada para o movimento que abortou desastrosamente no elevador da Biblioteca⁹, a hoste, grossa de vinte homens, que tinha à sua testa Costa e Buíça e como um dos soldados de linha Humberto de Avelar, artista de raça, frágil e delicado como uma mulher, experimentou ainda o fogo da Guarda, nas imediações da Rua de Santa Bárbara, quando aguardava que um morteiro desse o sinal de revolução.

A partir dessa manhã confusa e atarantada, o governo de Franco empreendeu a lógica e inevitável obra repressiva. Foram presos os membros do Directório, as personagens em evidência do partido, e daí passou-se à caça dos revolucionários subalternos. A desordem e o pavor lavraram então nas fileiras republicanas, que antes pareciam firmes e ordenadas. O Tejo e os quintais foram o coval de infinitas cestadas de bombas. Nos quartos andares, os revolucionários davam-se tratos de imaginação para esconder as pistolas e *abbadies* de contrafacção espanhola com que deviam fazer calar as *kropatcheks* e peças de tiro rápido das forças lealistas. Fugiram para terras nunca vistas nem sonhadas ou sumiram-se pelo chão os chefes e subchefes do movimento. Franco triunfava em toda a linha.

No meio do pânico geral, Alfredo Costa era um dos conspiradores que não arredavam do seu posto. Deserta e melancólica quedava a pequena sala traseira do *Gelo*, sempre tão frequentada e turbulenta. Estavam presos ou escondiam-se os intelectuais, Ferreira da Silva, Granger, Duque, arredios e avessos, aliás, às grandes aventuras cruentas. À parte Buíça, que abancava impertentemente, os outros passavam de esfuziote, rápidos e silenciosas.

Fechados os Centros, suspensos os jornais, prisões à cunha, pelas ruas viam-se passar rebanhos inteiros de homens, enquadrados por guardas a cavalo.

⁷ Na sequência do Congresso Republicano de Setúbal (1907), António José de Almeida estava encarregado de organizar a tomada do poder pelos republicanos por via revolucionária. [nota R&L]

⁸ Luz de Almeida chefiava a Alta Venda da Carbonária Lusitana, onde era secundado por Machado dos Santos e António Maria da Silva. [nota R&L]

⁹ O Elevador da Biblioteca (hoje inexistente) – ligava a Praça do Município (antigo Largo do Pelourinho) e o Largo da Biblioteca –, em Lisboa, foi o local onde alguns dos principais revolucionários republicanos do golpe de 28 de Janeiro de 1908 se deixaram encurralar e foram presos. [nota R&L]

O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de AQUILINO RIBEIRO

Mercê do acaso, imprevidência da polícia, o descaro com que revestia idas e vindas ou o quase anonimato da sua pessoa, Costa continuava livremente pela cidade, congregando os elementos que, dispersos, sobreexistiam ainda, teimando sempre, mensageiro intrépido e expeditivo daqueles que acaçapados nas luras guardavam uma réstia de esperança. Com Machado Santos e Soares Andrea se encontrou algumas vezes, a recato do sigilo de que cercavam seu asilo.

– Se algum bufo me deita a unha – dizia Costa palpando a *browning* na algibeira da calça – queimo-lhe os miolos.

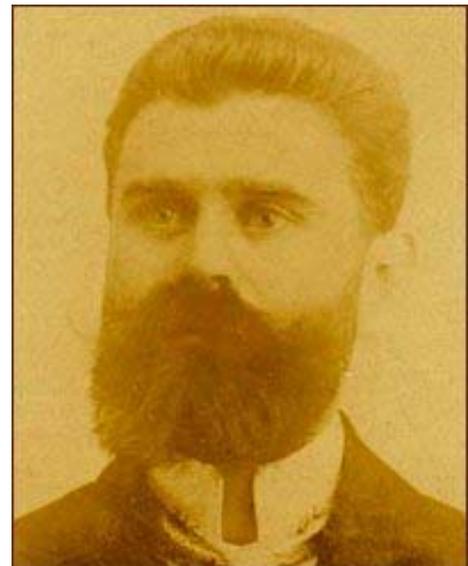
Em pleno desânimo geral, Costa insistia sempre para que se tentasse o lance. Onde paravam os dois terços da força pública com que António José de Almeida contava para derribar a Monarquia ? Onde parava toda a vasta e poderosa teia de revolucionários civis que deviam, escalonados contra cada um dos bastiões do Poder, iniciar o ataque ?

O movimento parecia travado com mão de ferro ; Franco continuava a varrer o terreno implacavelmente.

MANUEL BUÍÇA

Conheci Manuel Buíça no *Gelo*. Manuel Buíça era dos mais assíduos frequentadores desse cafmuito arrumado á margem do Rossio tumultuário, que, não obstante o berrante das fardas, conserva ainda hoje o ar plácido de botequim provincial. Às suas horas, nas meias manhãs preguiçosas de Lisboa, quando, lentas e doces, os senhores burocratas vão pelas ruas abaixo mais brandos que em liteira, ou à noite, depois do jantar, Suíça era certo à mesa branca, na parte que olha a Rua do Príncipe, um cálice de conhaque à frente, a fazer a correspondência ou cavaquear alto com conhecidos ou próximos.

Manuel Buíça



Buíça não era desses que se isolam na turbamulta e precisam da turbamulta para se isolar. O Café significava para ele o cenáculo, a roda de amigos a que levava a sua amizade, a vozeria a que misturava a voz. Tão despótico era nele o instinto de sociabilidade que não sabia enxotar da sua beira indivíduos de má nota e malandrins garantidos. Dentro de si, melancólico ou a cismar, como tantos moinas de café, na avó torta ou em sapatos de defunto, nunca o encontrei, nem tal atitude era compatível com o seu temperamento vincadamente buliçoso e dispersivo. A vida exterior empolgava-o, consubstanciava-se com ele, sem lhe deixar um refolho, um canto reservado, em tudo, pensamentos e obras, mais trespasável à vista que o próprio vidro.

Curioso este tipo de português, vindo do Norte, da parte mais resistentemente nacional, celta, suevo que aflorasse na linha longa das gerações, genuíno, inquieto e batalhador, do nateiro da raça. De corpo, era homem de estatura meã, rosto fino, tez branca a que dava realce a barba preta com tons de fogo, na qual as mãos lhe tinham o vício de passear-se, de embrenhar-se, quando a cólera o tomava ou ouvia alguém do seu agrado. A testa era espa-

O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de AQUILINO RIBEIRO

çosa com arcadas superciliares marcadas sem demais, as linhas fisionómicas duma delicadeza que, fora das mulheres, desagrada. A aparência, toda ela de franzino, mascarava-lhe inteiramente o génio assomadiço e a coragem que não era tarda nem jamais foi receosa a medir-se. Parecia um delicado – destes homens para produzir os quais a vida das cidades esculpiu sobre a carne de gerações e gerações, desengrossando, limando, amaneirando – e era uma planta vivaz das serras. Só os olhos muito móveis e azuis, mas sem crueza, traíam nele o ânimo expedito e a índole que, além de resoluto, era exaltado. Os seus modos espalhafatosos seriam detestáveis se não houvesse a contrabalançá-los uma grande e sincera franqueza, da mesma forma que «aquele dar-se todo» torná-lo-ia suspeito se o seu carácter se não descobrisse até os planos mais remotos. Muito mais que a identidade de ideias haviam-no imposto ao grupo revolucionário do Gelo, que paradoxalmente via o mundo através de Nietzsche e dos pensadores russos, as virtudes do homem instintivo, generosidade, espontaneidade, poder de estimar e admirar, ao contacto dos quais o homem de pensamento se desvanece e toma de estima.

Buíça era republicano – o que ao tempo, em muitos, significava política da extrema esquerda –, contudo menos por convicção profunda que por *flânerie* do espírito. Para seres e coisas que se movessem fora da sua esfera não tinha paixão e muito menos interesse. A sua fisionomia peculiar era a de céptico, jogando um desdém vulgar sobre tudo.

Agora, comprazer com os amigos era nele uma força cega e despótica até o absurdo. Uma fineza que lhe fizessem tornava-se em grilhão. A sua vontade, que não era frouxa, desfazia-se perante amigos como a cera. Pedissem por boca. Por vezes inflamava-se em ardor revolucionário e era ainda por aquela sua necessidade psíquica, elementar, de se pôr em assonância com os camaradas.

Visto nos predicados de sociedade, era Manuel Buíça o que se chama o homem moderno. Cavalo rebentio que aparecesse no picadeiro Gagliardi domava-o ele. Os seus pulsos finos aguentavam ainda firmes a espada francesa quando no assalto já os outros fraquejavam. Nas praias, mormente ali naquela Algés, a dois pulos do Gelo, não havia braços de nadador que mais longe açoutassem o mar.

Tanto a sua mentalidade como a sua cultura literária não eram comuns. Professor no Colégio Moderno, dava a impressão de possuir uma inteligência lesta, muito compreensiva, assimilando sem esforço, mas também sem perdurabilidade. Tinha, no entanto, um sentimento bastante largo da vida que nas horas de excitação costumava traduzir pelos baixos epifonemas dum pessimismo exagerado. Praguejava como um borracho diante da porta fechada.

Não era um espírito raro, mas não tão simplista que enfadasse. Em regra, via as coisas linearmente, menos por incapacidade que por preguiça em discernir. Era, como o carácter, um temperamento todo alotrópico.

Simpatias granjeava-lhas, em natural reversão, aquela plasticidade simpática para todos e a auréola de destemido ganha em bulhas e desafrontas. Buíça era do barro dos Antónios de Faria sempre pronto a dar e a levar. As suas proezas tomavam já tom lendário, com os admiradores e aedos de café a decantar-lhas. Em verdade Buíça era valente posto que fanfarrão. O fanfarrão esconde por via de regra o pusilânime, e aqui anunciava o forte. Se dizia : «parto-lhe a cara», partia mesmo a cara ao tipo. No teatro da Rua dos Condes bateu-se uma noite com a plateia toda ; esmurrou, numa tarde de S. João, as ventas do administrador da Azambuja, que era homem alentado e pimpão, no meio, para mais, da sua roda de pimpões ; no caminho ermo de Linda-a-Pastora vi-o avançar contra o revólver, que um revo-

**O ATENTADO DE 1 DE FEVEREIRO DE 1908 (REGICIDIO) na versão de
AQUILINO RIBEIRO**

lucionário lhe apontava ao peito, com uma fúria tão selvagem que, a segurá-lo, lhe desnoquei o pulso.

Era isto tudo, galante, franco, liberal, corajoso, blasonador, incoerente muitas vezes, parlapatão mais de uma, sem equilíbrio na vida, sem disciplina moral, uma ou outra anomalia medrando a meio de sentimentos que, além de serem puros, pareciam dever ser inibitórios. Assim Buíça, que era pai de família extremosíssimo, se não exacto, consagrando aos filhos uma adoração sem limites, a pontos de, tresnoitado ou embriagado, o que por vezes sucedia, se não poder deitar sem os beijar e se abraçar neles, prezando a esposa, entabulou ainda em vida dela correspondência delico-doce com uma menina de Lisboa.

Este *marivaudage* do coração dá a nota do ânimo leve de Buíça.

Em suma, era um misto curioso de nobreza espontânea, mas sem fundo, de grande sensibilidade em que entrava por muito a imaginação, de inteligência fácil e clara mas pouco tenaz. Além disso, consciência inclinada à prática do bem e à magnanimidade, mas indolente, abandonando-se ao curso das coisas ou procedendo por arrebatamento. A par disto, ausência completa do sentimento de responsabilidades e miopia no prever as repercussões dum acto. Buíça era argamassado, em grau extremo, das virtudes e falhas da terra portuguesa, num lineamento ora confuso, ora recto, sendo as contradições a sua lógica, como o ar efeminado a sua maior mentira.

(...)